

Olga Maria CASTRILLON-MENDES

Resumo: Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, representou, no século XIX, um profundo sentimento de nacionalidade, característico do período monárquico brasileiro. Escritor sensivelmente marcado pelas incursões que realizou no interior de Mato Grosso, durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), como relator da Comissão de Engenheiros, contribuiu para o esforço nacional no sentido de plantar as raízes de um singular movimento romântico de *sentimento da natureza*. Vinculado à tradição da viagem como meio não só de aquisição de conhecimento, mas, principalmente, de construir imagens pictóricas da terra e da gente americana, como ideário de época, Taunay-viajante participou, intensivamente, da construção imagética de Mato Grosso com obras que têm, na sua estrutura narrativa, o diário de viagem como elemento de composição e a natureza como exercício do olhar e de construção do gênero paisagístico.

Résumé: Alfredo d'Escagnolle Taunay, le Vicomte de Taunay, représentait, dans le siècle XIX, le profond sentiment de nationalité, caractéristique de la période monarchique brésilien. Écrivain sensiblement marqué par les incursions qu'il a réalisées à l'intérieur du Mato Grosso, pendant la Guerre de la Triplice Alliance contre le Paraguay (1864-1870), comme relateur de la Commission d'ingénieurs, a contribué à l'effort national qui a planté les racines d'un singulier mouvement romantique de "sentiment de la nature". Lié à la tradition de Voyage (et le conte) comme un moyen d'acquisition de connaissances, mais également pour construire des images picturales de la terre et des habitants d'Amérique comme idéalisation de l'époque. Taunay-voyageur a participé, intensivement, à la construction du Mato Grosso, à travers des œuvres qui ont, dans leurs structures narratives, le rapport du voyage, comme l'élément de composition, et la nature comme exercice d'oeil et de la construction du genre du Paysage.

O trabalho que ora apresento se propõe a analisar a obra de Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, especificamente, a imagética de Mato Grosso nas descrições da viagem feita durante a Campanha da Laguna, na Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870).

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 3 de agosto de 2007, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornellas Berriel.

Procuro, nesta investigação, penetrar no universo particular de Alfredo Taunay (como doravante será nomeado), focando a idéia de identidade nacional no século XIX, para compreender a obra no seu tempo, sem se deslocar, completamente, das noções de “diferença” e “entrelugar” de criação – um espaço carregado de contradições, como pondera Silviano Santiago (1982). Por isso, vemos de um lado, o olhar identitário que tende a representar um tempo de transformações sociais e econômicas da crise do regime escravista, da imigração; de outro, as lutas para a consolidação do Estado Imperial que garantisse a Soberania Nacional ou o mundo dito *civilizado*, animado pelo ideal de progresso e pelo sentimento da *polis*, que, conforme Antonio Cândido (1997, 2º vol. p. 11 – 21), representa o *nativismo* no sentido de uma contribuição para o progresso e afirmação do *próprio* contra o *imposto*, em cuja manifestação de costumes, paisagens e sentimentos se define o desejo de individuação nacional.

O *locus* dos acontecimentos discursivos concentra, desta forma, uma rica metamorfose com os elementos encontrados no *outro*, que é o lugar da diferença. Esse mesmo fato que cria a sensação de “não estar de todo”, retomado por Flora Sussekind (1990) e desenvolvido amplamente na condição do impacto e do confronto por Julia Kristeva (1994). Trata-se de um sentimento de *desconforto* do lugar de não-origem, que possibilita a (re)criação de novos paradigmas para os sistemas de pensamento, fornecendo ao escritor a conquista e a tradução da terra, pelo olhar, criando o espaço de intersecção no processo de construção/superposição das imagens, não como ponto fixo, mas construção móvel de caminhos. Caminhos que não diluem a perspectiva de outros olhares, ao contrário, a conjunção deles, dá ao domínio do *corpus* uma abrangência para além do regional.

Alfredo Taunay, brasileiro de nascimento, descende de uma família de eminentes artistas franceses, vindos para o Brasil, a fim de fundar a Academia Imperial das Belas-Artes, no Rio de Janeiro. Nesse momento, a Monarquia portuguesa buscava dotar de condições a antiga colônia, para transformá-la em sede do governo, cujo período de transição e consolidação da Corte portu-

guesa funcionou como atrativo para estrangeiros de várias partes da Europa. No entanto, a criação de uma Academia de Artes, responsável também pelo ensino de alguns ofícios, adquiria uma importância mais política do que propriamente artística, mas de profundas interferências nos rumos da arte no Brasil.

Os artistas franceses, em sua maioria bonapartistas², trouxeram uma organização racional do ensino. A base seria o desenho, partindo-se sempre de seu tronco que é a pintura de história; os professores deveriam enfatizar o aprendizado a partir das cópias *d'après* moldagens do antigo e de modelo vivo. Nesse aspecto, Nicolas Taunay (1755-1830), muito considerado, nos meios europeus, como talentoso pintor, garantiu a permanência dos Taunay no Brasil através de sua descendência artística. Em depoimento memorialístico, Alfredo Taunay diria que “de espírito melancólico e tímido, este meu avô, [...] tinha mérito real na pintura histórica e de paisagem e conseguiu, pela assiduidade e consciência, lugar de nota na Escola Francesa” (TAUNAY, Alfredo, 1948, p. 292).

Dentre os filhos que acompanharam Nicolas na Missão Artística, dois deles tiveram fortes ligações com a literatura de Alfredo Taunay: Aimé-Adrien Taunay (1803-1828)³ e Félix Émile Taunay (1795-1881), pai de Alfredo Taunay, de quem foi discípulo infatigável:

[...] é recorrer à correspondência entre ambos, é ver o velho Taunay a corrigir o francês das cartas do filho que partira para a guerra, a recomendar-lhe leituras, enviando-lhe livros como o de Ricardo sobre botânica, o do Tio Charles em latim e mais álbuns e modelos de desenhos (PINHO, 1944, p. 6).

Nesse ambiente doméstico, Alfredo Taunay obteve educação esmerada calcada nos princípios do bom gosto artístico e literário, na disciplina, na ordenação do conhecimento e nas idéias políticas. A influência do pai foi preponderante: nas lutas reformis-

² Cf. os curiosos argumentos sobre a polêmica da instalação e do papel da Missão Artística Francesa, em **A Academia Imperial das belas-artes: um projeto político para as artes no Brasil** (LIMA, 1994, especialmente o cap. 1).

³ Jovem desenhista da Expedição Langsdorff. Morreu afogado nas águas do rio Guaporé, em Vila Bela. Alfredo Taunay dedica-lhe a obra **A cidade de Matto-Grosso (antiga Villa Bella), o rio Guaporé e sua mais ilustre vítima: estudo histórico** (1891).

tas pela imigração, naturalização, casamento civil e abolicionista, manteve-se ao lado de amigos como André Rebouças e Joaquim Nabuco; nos dotes paisagísticos, “tanto nos álbuns de desenho como nas páginas de narrador militar, viajante e romancista”, na opção pela carreira militar, na amizade ao Imperador “um mandamento de família”, enfim, uma “criação total do pai” (ibidem). Felix Taunay, além de ocupar os lugares destinados à arte, foi um “propugnador das reformas sociais e da transformação estética e racional do feíssimo Rio de Janeiro” (Affonso TAUNAY, 1983, p. 98).

A par de tamanha força de origem, emanciparia Alfredo Taunay de tais influências?

Tenho por hipótese que a viagem a Mato Grosso, na Campanha contra o Paraguai, foi fundamental para a aquisição da liberdade, do gosto, da expressão, da criação de um estilo próprio e de encaminhamentos do exercício artístico. Não era mais o menino levado pelo pai, mas o oficial que marchava para a guerra “todo cheio de idéia de ir viver bem sobre mim, entregue ao prazer de ver gentes e cidades novas, percorrer grandes extensões e varar até sertões imperfeitamente conhecidos e mal explorados” (TAUNAY, Alfredo, op. cit., p. 105).

Desta forma, a viagem funcionou como um instrumento de transformação do jovem militar em escritor. Uma contingência que despertava prazer, conhecimento e inúmeros atrativos e grandioso prestígio, a que se uniam pretensões científicas de certo alcance, “fazer coleções de minerais preciosos, ou então descobrir, senão um gênero novo de planta, pelo menos uma espécie ainda não estudada e classificá-la – sonhos enfim de mocidade em que havia bastante de pedantismo” (idem, ibidem).

Assim, sem um projeto de viagem, movido pelo cumprimento do dever, pela aventura, pela busca do conhecimento e, possivelmente, pelo desejo de fama, Alfredo Taunay foi um viajante singular, pois além de cumprir o papel do viajante vinculado à tradição da viagem, constituiu-se um esteta. Numa elaboração constante do olhar, afirmou os temas locais particularizados de modo fundamental numa busca de compreensão e expressão do Brasil. Como relator da Comissão de Engenheiros fez o papel de diarista, colheu

informações e anotou impressões da viagem e da guerra, exercício que lhe oportunizou a produção de toda a sua vasta literatura.

Nas obras a que tivemos acesso, verificou-se que Alfredo Taunay vincula-se ao “entusiasmo romântico” e ao exercício da observação e tradução da natureza transformada em paisagem, o que define o papel da arte como “auxiliar das ciências naturais”, pois só se pode conhecer viajando, e a natureza é o laboratório das experiências do viajante (DIENER, 1999). E ainda deu suporte de arte às narrativas, num período histórico culturalmente rico de construção da identidade nacional, nem sempre afirmada pacificamente. O retorno à pena de Alfredo Taunay permite desvendar o espaço simbólico dos modos pelos quais funcionaram as relações de força estabelecidas internamente, pela condução do poder imperial, e, externamente, pelos diferentes elementos de construção histórica.

Busca-se, desta forma, compreender os processos significativos que resultaram dessas diferentes reimpressões e caracterizar o escritor como um *viajante atípico* que age como um explorador, mas pensa como um esteta. Ao tomar contato com o interior de Mato Grosso, faz-se um (d)escritor/tradutor de paisagem, compondo uma imagem da região que irá representar, juntamente com outras imagens construídas pela Monarquia brasileira, a vontade consciente de definir a idéia de um Brasil uno, mesmo que essa unidade figurasse como uma utopia nacional.

Procura-se, ainda, aprofundar o conhecimento teórico sobre o papel de Taunay na Literatura Brasileira, principalmente, no âmbito do Romantismo nacional, visto em confronto com suas fontes e referências no Romantismo internacional, a partir de Mato Grosso, detectando elementos que estão na origem do estabelecimento do gênero no Brasil.

Nesse aspecto, Mato Grosso estará compondo o panorama de influências estéticas legadas pela literatura de importação e pela emergente necessidade de transformação das letras nacionais, a partir dos elementos autóctones, como propunha Ferdinand Denis (1978) em seu tratado sobre o “caráter” da poesia no Novo Mundo, e que o espírito Romântico buscou seguir.

Na verdade, o conjunto da obra de Taunay não se fará apenas no campo da literatura ou das artes, mas na fronteira delas. Ou seja, há em sua obra uma conjunção de interesses nacionais em que o registro de fatos da história, no caso, o episódio da retirada da Laguna, representa a base para as variadas descrições que, elaboradas *a posteriori*, deram origem a outras narrativas, tanto de caráter histórico como ficcional. Em certo sentido, o escritor-viajante fecunda imagens que contribuem para repensar a formação cultural de Mato Grosso, as origens e a contemporaneidade de eventos, que compuseram o cenário latino-americano, a partir das regiões mais distantes, consolidadas, imagetivamente, como *periféricas*.

No percurso das fontes artístico-literárias, a reflexão repousa num conjunto de questões e de idéias sobre Natureza, Paisagem, Romantismo, Narrativa e Cultura Brasileira, à medida que se penetra no universo cultural do século XIX, cujo legado artístico teve fecunda influência na formação intelectual de Alfredo Taunay e nos rumos das tendências estéticas brasileiras.

Como objeto de teoria, a pintura de paisagem é encontrada no centro da interrogação filosófica e seu conceito evolutivo acompanha a história humana. Por isso, não se pretende, aqui, enveredar pelas profundezas de tal conceito, mas trazer algumas noções *movediças* que ajudam a compreender as manifestações das imagens de Mato Grosso integradas às diferenças que constituem o discurso sobre o conhecimento da terra, seus habitantes e seus costumes, evocados como ilustração e traduzidos como interpretação cultural.

Os temas (ou *topoi*) utilizados são eficazes. Eles produzem imagens de natureza, de batalha, de ruínas e de personagens que são integrados à matéria literária, como recurso de composição “filtrado” por modelos europeus, mas traduzindo o diferente e instituindo o lugar empírico-descritivo que, muitas vezes, tem o tom panfletário (ou caráter utilitário) das especificidades da política imperial vigente.

Assim, a questão da imagem sobre o Brasil, no conjunto da obra de Alfredo Taunay, expressa a natureza de uma “arte descritiva” (ALPERS, 1999) que, de certa forma, oculta o “realismo” pretendido por ele. É a descrição de um mundo afetado pela cultura visual – a observação e o registro das coisas vistas expressas em

palavras e imagens, como uma categoria que transmite uma “atitude descritiva” (HAMON, 1976), pela qual o escritor buscava a fidedignidade dos fatos.

As análises dos textos partem de considerações estruturais para a construção textual, o estilo e estrutura do gênero (KAYSER, 1985), aliando-se a uma seqüência de *topoi*, que são os motivos favoritos do autor e com os quais constrói as imagens e assegura a coesão das cenas e sua ligação à narrativa.

Nesse aspecto, convém destacar os seguintes questionamentos: qual o sentido e o valor estético das imagens construídas pelas descrições de Alfredo Taunay no âmbito da arte e da literatura brasileira? Se a viagem possibilitou a transformação do jovem militar em escritor, em que medida o olhar-viajante produz cenas (componentes de *quadros*) que intermediam um conceito de/sobre Mato Grosso?

Sabe-se que a imagem do Brasil foi constituída a partir de imagens que os viajantes europeus construíram, através dos relatos de viagem, referendando as explicações do mundo, cujos parâmetros eram baseados em experiências *de fora*. O Brasil foi conhecido sob os mais diversos estereótipos, construídos a partir do descobrimento das terras, no chamado Novo Mundo, inclusive durante os debates das concepções sobre o continente e seus habitantes (GERBI, 1996).

Os relatos de Alfredo Taunay, no século XIX, continuaram a tradição do registro dos acontecimentos históricos, naquele momento, em prol de uma idéia de Estado-nação, centralista e monárquico, que predominou por quase cinquenta anos. O Brasil seria, então, o único, em meio a outros países sul-americanos, que já experimentava o *impuro* regime republicano. Com utilização de artifícios particulares de coesão territorial, a unidade formal foi mantida.

Pode-se dizer que um desses artifícios foi utilizado pelo Visconde de Taunay, quando lançou mão de um conjunto de elementos *da terra* para demonstrar a autenticidade brasileira. Porém, diferenças sociais, étnicas, culturais e econômicas corroíam o Império e a pretensão hegemônica, pois representavam eminente desafio ao programa nacional e, conseqüentemente, a qualquer manifestação de caráter unificador.

Com o olhar plasmado no interior de Mato Grosso, em meio a mestiços, índios, caboclos e brancos, que poderiam representar um perigo à ordem nacional, Taunay criou mecanismos articulados entre a ciência e a arte, para redescobrir o Brasil e engajá-lo num projeto de *civilização*, que tinha a Monarquia como base institucional, em contraponto à *barbárie* simbolizada pelo Paraguai e pelo “outro López”, no caso, o ditador paraguaio. De fato, como diz Alambert (2001, p. 220), a obra de Alfredo Taunay imprimiu o olhar dicotômico entre Natureza/Cultura, Império/República, Brasil/Paraguai, em conflito mútuo de reconhecimento e estranhamento, resumindo “descobertas” que são documentários de uma era ou de um sonho, refletido no espelho da guerra. Nesse quadro, a imagem do Brasil concebia-se “em oposição ao mundo estranho e desolado, representado pela realidade sul-americana, cuja face mais tenebrosa era a representação fantasmagórica da república guarani” (idem, *ibidem*), além de trazer a marca da formação literária, resultante da viagem pela parte sul de Mato Grosso, durante o episódio da Guerra contra o Paraguai.

As imagens⁴ da região pantaneira, em obras que consideramos emblemáticas, caracterizam um tempo e um lugar: a Monarquia brasileira (sistema político e simbólico), constituidora das idéias românticas, dos símbolos que ajudaram imprimir a idéia de nacionalidade, e a geografia (real e imaginária), paradigma de compreensões ambivalentes criadas pelo olhar dos muitos visitantes que construíram o universo plural brasileiro.

Nesse sentido, a análise da obra de Alfredo Taunay está centrada nas imagens expressas pela sensibilidade artística, representativas de uma região, à época conhecida como sertão⁵, “uma categoria do pensamento social, que designa o interior, o cora-

⁴ As imagens construídas por Taunay podem ser vistas como descrições, expressas pela imaginação, daí a utilização do termo “imagética” no título deste trabalho, adjetivo que dá *qualidade ao que se exprime por imagem* (HOUAISS, 2001, p. 1573).

⁵ Cf. os deslizamentos dessa nomenclatura em Janaína Amado (1995 p. 145-151). Cf. também Gilmar Arruda (2000), que trata do significado do termo, segundo a idéia de “progresso”, existente na mentalidade dos finais do século XIX, às primeiras décadas do XX. Ver ainda a coletânea de ensaios que compõe a obra **De sertões e, Desertos e Espaços Incivilizados**, organizada por Ângela Mendes de Almeida, Berthold Zilly e

ção mediterrâneo, em oposição ao marítimo” (AMADO, 1995, p.150), o deserto “bárbaro” ocupado pela “civilização”, sendo, pois, representação de mundos de significados, que deslizam no espaço da memória do brasileiro, com certa dose da versão da história e da construção do Estado Nacional. Sem essa perspectiva, que consagrou imagens e estereótipos, não seria possível pensar esses mundos díspares da distância e da diferença em relação às culturas da América Latina, pois “o sertão é uma vasta fronteira de significados que o bom senso do Visconde quis desvendar” (ALAMBERT, op. cit., p. 221).

Nessa visão do espaço sertanejo, a obra de Taunay ganha dimensão pela visão de um mundo portador da memória, e que na perspectiva de Schama (1996, p. 65) representa a “memória silvestre se preservando na literatura como o coração oculto da identidade nacional”. A obra tem, portanto, um papel social pelos componentes da cultura *interior*, de tipos emblemáticos (como o sertanejo e o índio), de confrontos étnicos e de *paisagem* mato-grossense, principalmente, pela forma de contemplação romântica, como expressão subjugada à emoção estética.

O trabalho encontra-se desenvolvido em duas partes, divididas em capítulos.

A primeira parte, composta de três capítulos, constrói a personagem Alfredo Taunay como representativa do *caráter* nacional, no século XIX, e discute as bases do pensamento do autor. O primeiro capítulo coloca o escritor no universo histórico brasileiro, a partir da presença dos artistas franceses do qual é herdeiro direto das influências políticas e artístico-culturais. Nesse contexto, reflete-se sobre a formação do Romantismo e os matizes que adquiriu no contato com as peculiaridades brasileiras. Participando ativamente da vida política nacional, Alfredo Taunay construiu um discurso com base na tradição, mas com profundas marcas de nascimentos de novos estilos. Foi um escritor que se transformou pelo exercício da escrita, daí a sua relevância para a forma como se tenta compreender Mato Grosso no cenário nacional e inter-

Eli Napoleão de Lima (2001), principalmente a 4ª parte, intitulada Guerras no fim do mundo, p. 197-271.

nacional. Esboça-se, ainda, um panorama da formação familiar e intelectual de Alfredo Taunay. O legado artístico e a experiência da guerra, como integrante da Comissão Militar, foram fundamentais para a metamorfose do diarista oficial em escritor. São experiências que, levadas ao limite, transformaram o homem da Corte, aristocrata e, de certa forma, *missionário*, tanto em uma espécie de sertanejo e em político de projeção, como no artista de sensibilidade extrema, no escritor que usou a pena como pincel. Isso tudo resultou em composições imagéticas fundamentadas em princípios éticos e estéticos. As pistas da índole aristocrática de Taunay, possivelmente herdadas das idéias do filósofo Joseph Ernest Renan (1823 - 1892), foram encontradas em Carlos Berriel (2000), ampliadas em Amaral Gurgel (1936), Joaquim Nabuco (1949) e em obras do próprio historiador Renan (1908 e 1987).

O segundo capítulo, da primeira parte, apresenta a metamorfose de um Taunay-viajante em criador de imagens de um Brasil interiorano. A viagem é mecanismo de aquisição de conhecimento, pelo relato, possibilitando a composição do *quadro* de uma natureza transformada em paisagem. Um panorama que se torna mais claro quando colocado em contato com a gênese e as confluências de sua narrativa, pois a imagem é construída a partir do olhar, enquanto fonte primária do exercício da pintura e da escrita.

O terceiro capítulo está sob o signo da viagem, delimitando as suas relações com o relato, a natureza e a paisagem. Conceitos que embasam a análise das obras e são suportes teóricos da proposta da tese. Ao concebermos Alfredo Taunay como um viajante atípico, tornou-se necessário revisitar a função da viagem, analisar de que forma o diário de viagem (registrado no calor da hora) serviu de base para a transformação em outras narrativas, e como a concepção de paisagem está imbricada na descrição de um mundo particularizado pela narrativa.

Na segunda parte do texto, intitulada *Techne e Poietica: Mato Grosso sob o olhar de Taunay*, estão apresentados os dois aspectos da narrativa de Alfredo Taunay: a técnica da descrição e a *poietica* do estilo, voltadas para o “fenômeno da criação de uma linguagem especial” (TELES, 2005, p. 50). Não se pretende, portanto, ape-

nas uma reelaboração estrutural, mas a natureza poética da emoção artística do escritor. O fato estético (re)cria o espaço, concebe conceitos particularizados por *cenas* construídas pela memória e pela escrita, o que será explicitado nos capítulos IV e V. As memórias do Visconde de Taunay são “camadas” formadas pela tradição e pelas lembranças (SCHAMA, op. cit.), que deságuam nas imagens mediadoras dos sentidos de uma nação emergente. E para demonstrar como isso funcionou no conjunto da sua obra, traço o panorama descritivo e os (des)caminhos do escritor em direção a um programa político-literário e artístico-cultural do Brasil do século XIX.

O propósito dessa configuração é compreender uma imagem de Mato Grosso engenhosamente plástica, vivenciada em situações-limite da viagem. São impressões e sensações do tempo e de um lugar importante para a cultura, a literatura e a política nacional, vistas em suas vinculações internacionais. Desta forma, a viagem não se restringe apenas à mobilidade geográfica, mas é transformadora da perspectiva *sobre* o Brasil, portanto, um “termo de tradução” em que se constroem princípios teóricos e procedimentos metodológicos que contribuem para tornar o mundo mais traduzível em meio às diferenças, como visto por Canclini (2003).

Tudo isso leva-nos a refletir sobre o efeito de sentido da Guerra da Tríplice Aliança em Mato Grosso a partir das narrativas dela engendradas por Alfredo Taunay. Estamos, pois, no terreno multidimensional pela História, pela Ciência e pela Arte, que ressoa na representação da natureza, da terra e no *caráter* do povo.

As diferenças evidenciadas nos textos de Taunay justificam uma parcela do que se pensa sobre o lugar do Brasil no contexto sul-americano, e abrem espaço para a compreensão do papel da Monarquia, de certa forma paternalista e pouco democrática, comandada por uma elite interessada na escravidão e na utopia da *civilização* diante da *barbárie*, para o sucesso dos programas nacionalistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAMBERT, F. Literatura e política no Visconde de Taunay. In ALMEIDA, Â M. *et al.* (Orgs). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2001. p. 219 - 228.

- ALMEIDA, Â. M. de.; ZILLY, B.; LIMA, N. de (Orgs.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2001.
- ALPERS, S. **A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da USP, 1999.
- AMADO, J. Região, Sertão. Nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145 - 151 1995.
- ARRUDA, G. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**. Bauru-SP: EDUSC, 2000.
- BERRIEL, C. E. O. **Dimensões de Macunaíma: Filosofia, gênero e época**. Dissertação de mestrado. IEL/ Unicamp, 1987.
- _____. **Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado**. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Ana Regina Lessa & Heloísa Prezza Cintrão. 4 ed. São Paulo: Editora da USP, 2003.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira**. v. 1 e 2. 8 ed. Belo Horizonte/RJ: Itatiaia, 1997.
- _____. A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay. In: MEDEIROS, Sérgio (Org.) **Ierê e a guanã**. São Paulo: Iluminuras, 2000⁶.
- DENIS, F. Resumo da História Literária do Brasil. In: CESAR, Guilhermino. (Sel.) **Historiadores e críticos do Romantismo: a contribuição europeia, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da USP, 1978.
- DIENER, P. La estética clasicista de Humboldt aplicada al arte de viajeros. In: **Amerística México**, DF, Año 2, n. 3, p. 41-49, Segundo Semestre de 1999.
- GERBI, A. **O Novo Mundo: história de uma polêmica (1750-1900)**. Tradução Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GURGEL, A. **O neto de Marco Aurélio (D. Pedro II)**. São Paulo: Empresa Editora J. Fagundes, s/d.
- HAMON, P. O que é uma descrição? In: ROSSUM-GUYON et all. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Vega, 1976, p. 56 - 75.
- _____. Para um estatuto semiológico da personagem. In: ROSSUM-GUYON et all. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Vega, 1976, p 79 - 102.

⁶ Este texto de Antonio Candido faz parte da obra **Formação da Literatura Brasileira (275-282)**

- _____. Le Horla, de Guy de Maupassant: ensaio de descrição estrutural. In: ROSSUM-GUYON et all. **Categorias da narrativa**. Lisboa: Vega, 1976, p. 127 - 140.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados de Língua Portuguesa/LTDA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KAYSER, W. **Análise e Interpretação da obra literária (introdução à ciência da literatura)**. 7 ed. Coimbra, ArMeñio Amado, 1985.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LIMA, V. A. E. **Academia Imperial das Belas-Artes: um projeto político para as artes no Brasil**. Dissertação de Mestrado. Departamento de História/IFCH/UNICAMP, Campinas-SP, 1994.
- NABUCO, J. **Minha Formação**. São Paulo: Instituto Editorial, 1949.
- PINHO, W. Visconde de Taunay (Conferência realizada no Instituto Histórico, em 22/11/1943). **Revista do IHGB**, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional v. 181, out/dez, 1943.
- RENAN, J. E. **S. Paulo: origens do cristianismo**. Tradução de Campos Lima. Porto: Livraria Chardron, 1908.
- _____. **Que es una nación?** Tradução Andrés de Blas Guerrero. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- SANTIAGO, S. **Vale quanto pesa (a ficção brasileira modernista)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 25 - 40.
- SCHAMA, S. **Paisagem e Memória**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SUSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. Palavras loucas, orelhas moucas: os relatos de viagem dos românticos brasileiros. **Revista USP Dossiê Brasil dos Viajantes**, São Paulo, n. 30, p. 96 – 107, junho/agosto, 1996.
- TAUNAY, A. d'E. **A missão artística de 1816**. Brasília: UNB, 1983.
- _____. [1891]. A cidade de Matto-Grosso (antiga Villa Bella), o rio Guaporé e a sua mais illustre victima: estudo historico. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Companhia Tipographica do Brazil, tomo LIV, parte I., p. 1 – 108, 1891. (Para citação neste trabalho, fazemos referência à 2ª Edição, São

Paulo: Companhia Melhoramentos, 1923).

_____. [1948]. **Memórias**. São Paulo: Companhia Melhoramentos Vol. VI.

_____. [1948]. **Memórias**. MEDEIROS, Sérgio (Org.). São Paulo: Iluminuras, 2004.

TELES, G. M. **Sortilégios da criação**. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.